

É possível viver bem no Semiárido

Adriana Raulino Ferreira de Lima, 36 anos, nasceu no Sítio Serra da Onça, em Frei Miguelinho, Agreste pernambucano. Por conta de muitos anos de seca, seus pais, Seu Arlindo e Dona Josefa, foram embora com toda família para Minas Gerais. No período de chuva, voltavam para o Nordeste, pois era o lugar onde queriam viver, mas só tinham condições de ficar e produzir na região durante o inverno. Entre idas e vindas, Adriana conheceu um rapaz e pouco depois se casaram. Ela tinha 16 anos e do casamento nasceram seus três filhos: Aline, Anali e Alison.

Quando a situação ficava complicada, Adriana partia para São Paulo em busca de trabalho para manter a família e de lá mandava o dinheiro para casa: “Eu ia trabalhar, meu marido ficava cuidando das duas filhas mais velhas e o menino ia comigo, pois na época era mais fácil emprego para mulher do que para homens”.

Ela conseguiu juntar um pouco do dinheiro que ganhou trabalhando em São Paulo e comprou 6 hectares de terra na Serra da Onça. Nesta terra, construiu sua casa, deixando de morar em espaço emprestado. “Construi trocando a lenha do terreno por material de construção com um dono de um forno de cal”, conta a agricultora.



Adriana em sua propriedade em Serra da Onça, no município de Frei Miguelinho



A família trabalhando no cultivo das hortaliças

Em 2007, a família ficou abalada com a perda da filha mais velha, Aline. Dois anos depois, Adriana ficou viúva. Com a filha Anali em depressão e Adriana quase na mesma situação, a agricultora começou a se questionar sobre o que fazer dali por diante. “Então pensei: quer saber? Tenho dois filhos para dar de comer. Tenho que levantar a cabeça e seguir em frente”, conta Adriana. Na intenção de recomeçar, foi embora para São Paulo com os filhos. Passaram dois anos e, não acostumados com o ritmo de vida, voltaram para sua terra trazendo mais um membro para a família, seu primo Renato.

Adriana diz que o grande problema, na época, era a falta de água, pois a família não tinha onde armazenar para o período de seca e ainda relembra: “Nós saíamos às 3 da manhã para buscar água em uma escola a 3 km de minha casa. Lá se fazia uma fila e tinha uma pessoa para fazer a distribuição desta água. Quem chegava cedo conseguia e quem não chegava cedo até brigava para poder pegar suas quatro latas de água, para assim poder passar três dias até o novo abastecimento”.



Para Adriana, a vida da família começou a melhorar quando recebeu a cisterna de 16 mil litros do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA).

Adriana e parte de sua produção

As dificuldades foram diminuindo, pois, com a cisterna, a família tinha água de qualidade para beber. O passo seguinte foi plantar milho e feijão no período do inverno. Em 2012, a família conheceu o Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), também da ASA e executado pelo Centro Sabiá, onde recebeu uma cisterna-enxurrada.

A participação em momentos de capacitações e intercâmbios despertou em Adriana a vontade de produzir alimentos saudáveis para o consumo de sua família. Foi um intercâmbio no estado da Paraíba que deixou um desafio em sua mente: “Tem gente em regiões mais secas produzindo e vivendo bem, vou fazer a mesma coisa”. Hoje, a propriedade de Adriana já tem cajueiros, mangueiras, coqueiros, graviola, limão, seriguela, acerola, tangerina e algumas plantas nativas. Adriana também está produzindo em sua propriedade hortaliças e milho que até o momento são consumidos apenas pela família, mas já existe um projeto para se comercializar o excedente. “Indo à feira livre comecei a pensar: se nós que estamos no campo não produzirmos, como a povo da cidade vai comer?”, reflete Adriana.



Adriana e sua família

Realização



Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

